

Estreantes estão entre campeões de votos

Analistas como Aglaé Lavoratti, gerente de produção da Capsoftware Informação e Sistemas, estão surpresos com a quantidade de deputados e senadores eleitos sem uma tradição maior com a política partidária no País. Alguns desses novatos são inclusive campeões de voto, como o deputado federal Ronaldo Caiado, ex-presidente da União Democrática Ruralista (UDR), eleito pelo PSD de Goiás — aliás, o único parlamentar eleito por este partido em 1990. Outro caso é o de Benedito Pinga Fogo (Benedito Cláudio de Oliveira), radialista eleito pelo PRN do Paraná.

Também entre os mais votados, a radialista paulista, radicada no Rio, Maria Aparecida Campos Strauss, eleita deputada pelo PDT/RJ, com o nome artístico (e agora político) de Cidinha Campos. Seu

programa na rádio Tupi do Rio, por 11 anos seguidos, transformou-se num recorde de audiência e agora recorde eleitoral, com 304 mil votos. Outro estreante, e campeão de votos, é o padre Zé, cujo nome verdadeiro é José Linhares Ponte, do PSDB do Ceará, sacerdote católico desde 1955, 60 anos, teólogo com cursos na Alemanha de psicologia, parapsicologia e religião. Uma campeã — na esteira do marido — é a deputada Maria Teresa Jucá, do PDS de Roraima, mulher do ex-governador Romero Jucá Filho.

Se são deputados e senadores sem maior expressão política nacional, tais parlamentares são figuras de destaque na sociedade civil, de onde surgiram como campeões de votos. E a maioria nem é campeão de gastos com a campanha eleitoral.



Cidinha Campos, Ronaldo Caiado e Roseane Sarney chegam ao Congresso, pela primeira vez, como líderes de votos em seus estados



Veja quem chegou na frente em cada Estado

Goiás: deputado federal Ronaldo Caiado (PSD) — médico especializado em cirurgia da coluna vertebral, se projetou na política por defender os interesses dos grandes proprietários de terras contra o conceito tradicional de reforma agrária, conforme consta do Estatuto da Terra. Votação dispersa em todo o Estado, eleito com 98.256 votos.

Senador Onofre Quinam (PMDB) — um dos dez maiores empresários de Goiás, orador sem méritos e com plataforma política indefinida, foi eleito por sua ligação com o governador Íris Resende, de quem já foi vice-governador, anteriormente, entre 1983 e 1987. Foi governador de fevereiro de 1986 a março de 1987, quando Íris foi ser ministro da Agricultura. Eleito com 633.085 votos.



Rio Grande do Sul: deputado federal Menezes Ribeiro (PMDB) — radialista profissional, advogado e professor Pedro Simon de Direito e Jornalismo. Seu primeiro mandato data de 1962, quando foi eleito deputado estadual pela UDN. Seu programa de rádio, com entrevistas, muito polêmico, tornou-o conhecido de todos os gaúchos. Foi decisivo para sua eleição o apoio do grupo onde trabalha, a Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS), repetidora do Sistema Clube de Tevê. Reelegeu-se com 109 mil 729 votos.

Rio Grande do Sul: Senador Pedro Simon (PMDB) — filho caçula de um mascate libanês que chegou ao Brasil em 1922, Simon é o resultado da educação recebida de um Irmão Marista, José Ottáo, no Colégio Rosário, de Porto Alegre, embrião de hoje Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Ottáo convenceu o mascate a deixar o filho fazer política. Simon começou pela política estudantil. É considerado igualmente competente como criminalista, tendo sido diversas vezes aplaudido ante o júri ao absolver assassinos, como no caso de um homem que matou a esposa com 18 facadas. Orador que magnetiza. Simon já foi senador, de 1979 a 1987. Foi também governador do Rio Grande do Sul. Conseguiu um milhão 576 mil 497 votos.



Rio Grande do Norte: O deputado Flávio Rocha (PRN) — com 33 anos, solteiro, empresário, herdeiro do Grupo Guararapes, o maior do Rio Grande do Norte, é o que se convencia na chamar de pai solteiro, de Felipe, fato que encantou o eleitorado feminino. Já foi deputado federal eleito em 1986. Defensor da iniciativa privada, lidera um grupo de deputados estaduais, vereadores e prefeitos, mas é discreto. Só ficou mais conhecido nacionalmente quando o presidente Collor passou a usar sua mansão de Brasília para encontros políticos. Elegeu-se com 72 mil 406 votos.

Senador Garibaldi Alves (PMDB) — começou em política aos 19 anos, como convém a um membro da família Alves, sendo chefe de gabinete do tio Agnelo Alves, então prefeito de Natal. É conhecido pelo eleitorado pobre do estado pelo apelido de Gaiá. É considerado homem de hábitos simples, que não bebe nem fuma e não gosta de noitadas. Apoiou Luís Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais de 1988. Foi quatro vezes deputado estadual e prefeito de Natal. Veio com a votação de 406 mil votos.



Alagoas: deputado Vítorio Malta (PSC) — vem sendo dito que se elegerá por ser primo da primeira-dama, Roseane Collor, além de ser casado com uma irmã dela. Mas a verdade é que sua

campanha justapôs sua imagem ao trabalho da LBA em Alagoas. Nunca anteriormente tivera mandato eleitoral. Ganhou com 46 mil 878 votos.

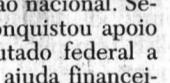
Senador Guilherme Palmeira (PFL) — igualmente pertence a uma família de políticos, tendo sido deputado estadual em 1966, foi governador biônico do estado de 1979 e 1982, ligado ao general Ernesto Geisel. Elegeu-se senador a primeira vez em 1982. Autodefiniu-se um liberal clássico. Teve 329 mil 222 votos.



José Eduardo

Paraná: deputado Benedito Pinga Fogo (PRN) — é outro radialista consagrado pelas urnas. Ex-guarda noturno que virou repórter radiofônico por acaso, e revelou talento, apesar da pouca cultura. De hábitos simples, diz que nunca usou terno e sapatos; gosta de ser folclórico. Foi apoiado pelo senador José Eduardo de Andrade Vieira. Quando comprovou sua eleição distribuiu 15 mil latas de leite em pó para os pobres de sua cidade, Jandaia do Sul. Obteve 58 mil 817 votos.

Senador José Eduardo de Andrade Vieira (PTB) — é um banqueiro que se diz bancário, e que tem formação profissional como contador. Desde que assumiu o Bamerindus, hoje o terceiro maior banco do País, vem influenciando a política do Paraná. Seu sonho é transformar o PTB num grande partido de expressão nacional. Segundo adversários, conquistou apoio de candidatos a deputado federal a estadual em troca de ajuda financeira, veículos, panfletagem e estrutura para os comícios. Foi eleito com 1.035 milhão de votos. Cerca de 95,5 por cento dos funcionários do Bamerindus teriam votado nele, segundo pesquisas.



Augusto

Distrito Federal: deputado Augusto Carvalho (PCB) — um dos três eleitos pelo seu partido, que perdeu o direito de manter um gabinete de liderança na Câmara. Veio para um segundo mandato. Apoiado pelos servidores das estatais e funcionários públicos, por ser contra privatização e desestatização. Formado em Sociologia, bancário do Banco do Brasil, foi presidente do sindicato da categoria no Distrito Federal. Nota 10, segundo o Diap, na Constituinte.



Ángela

Senador Walmir Campelo (PTB) — funcionário público federal que fez carreira política como administrador de cidades-satélites da capital federal. Foi deputado federal pelo PFL em 1986, tem 46 anos, eleito com 286 mil votos.

Rio de Janeiro: deputado Cidinha Campos (PDT) — é uma radialista que diz o que pensa e que leva em troca agressões (e ameaças) que a tornaram um sucesso profissional. Paulista, foi para o Rio há 20 anos, após uma desilusão amorosa: está casada há 18 anos com o terceiro marido, o diretor de tevê Ricardo Strauss. Mãe de dois filhos, Ricardo do terceiro e Carolina, do primeiro casamento (com o escritor de novelas Manoel Carlos). Foi atriz e apresentadora de tevê. Seu guru é Leonel Brizola, desde que o entrevistou em 1982. Recebeu 304 mil e 593 votos, mas afirma que foi "roubada" em mais de cem mil votos.

Senador Darcy Ribeiro (PDT) — antropólogo, educador, romancista, pedagogo, é considerado um dos intelectuais mais brilhantes da sua geração. Tem 68 anos. Criou a UnB, da qual foi o primeiro reitor. Na época, era considerado a melhor universidade das três Américas, em humanidades, Filosofia e estudos de Política e Ciências Sociais. Foi ministro de Jango Goulart, cassado pelo presidente Castelo Branco. Ganhou com 2 mil 788 mil de votos.

Ceará: deputado padre Zé (PSDB) — seu nome é José Linhares Pontes, padre ordenado em 1955, que estudou Teologia no exterior. É estreante em política. Desenvolveu trabalho voltado para famílias carentes. Começou em política como assessor eclesiástico da JOC e JEC, embriões da Ação Católica, nos idos de 1957. Foi diretor do Seminário São José, de So-

bral, sua terra. Elegeu-se com 103 mil 740 votos. Curiosamente, foi muito votado em municípios do Piauí e do Maranhão.

Senador Beni Veras (PSDB) — aliás, Benedito Veras, administrador de empresas e empresário, foi eleito no esquema político dos dois governadores, o que saiu, Tasso Jereissati, e o que entra, Ciro Gomes. Tem 54 anos, este é o primeiro mandato eleito, e recebeu 1.026 milhões de votos.

Amapá: deputado Murilo Pinheiro (PFL) — pai de três filhos legítimos e mais dois adotivos. Engenheiro Civil. É funcionário público municipal de Macapá. Foi prefeito nomeado de Macapá de 1980 a 1985, quando era do PDS. Recebeu 4 mil 137 votos. Se diz de Direita Liberal.

Senador José Sarney (PMDB) — é o único ex-presidente da República com mandato eleito no País. Lidera um grupo de cerca de 70 parlamentares, formando um embrião de grupo suprapartidário, que poderá significar um fiel de balança no Congresso, a partir do segundo semestre. Disputou no Amapá impedido de candidatar-se pelo PMDB do Maranhão, seu Estado. Seu primeiro mandato é de 1958, quando se elegeu deputado federal.

Acre: deputado João Tota (PDS) — paraibano de 50 anos, agrônomo, conservador, ligado aos militares, foi candidato ao Senado em 1986 mas perdeu. Foi prefeito nomeado de Cruzeiro do Sul, cidade na fronteira com o Peru, por 11 anos. Elegeu-se com 6 mil 415 votos.

Senador Flaviano Melo (PMDB) — foi governador acreano de 1987 a 1990, pelo PMDB. Seu prestígio vem da luta que desfechou para viabilizar a polêmica rodovia até o Pacífico, que seria financiada por grupos japoneses — continuação da BR 364. Com a morte de Chico Mendes, foi tudo para o brejo. Foi funcionário da Construtora Mendes Júnior e prefeito nomeado de Rio Branco, a capital, de 1983 a 1985. Eleito com 34 mil 495 votos.

Minas Gerais: deputado Sérgio Naya (PMDB) — uma autêntica surpresa, ter sido campeão de voto no Estado, onde existem tantos políticos de maior expressão e popularidade. Em 1986 foi suplente, mas assumiu quando o titular foi ser secretário do governador Newton Cardoso. É autor de projeto que prevê a criação do Fundo Nacional de Habitação, para dar casa às famílias de baixa renda. Em 1986 foi o 37º do PMDB e 55º de Minas. Só viaja no próprio jatinho.

Senadora Júnia Marise (PRN) — jornalista e advogada, solteira, nascida em 1948, seu primeiro mandato é de 1967, quando se elegeu vereadora de Belo Horizonte. Este é o terceiro mandato de deputada federal. Tancredo Neves costumava dizer que "Júnia vale mais que vinte políticos". Apoiou Fernando Collor para presidente, sem sair — ou ser expulsa do PMDB. Ganhou com 1.259 milhão de votos.

Santa Catarina: deputada Ângela Amin (PDS) — foi a mais votada para a Câmara, enquanto o marido, Esperidião, foi o mais votado para o Senado. Bacharel em matemática, é mãe de três filhos. **Esperidião** Foi sempre a coordenadora das campanhas políticas do marido. Seu primeiro mandato é de 1988, vereadora de Florianópolis. Tem como meta aprimorar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Parlamentarista, porém contrária ao voto distrital. Eleita com 129 mil 11 votos.

Senador Esperidião Amin (PDS) — dois cursos superiores, Administração e Direito, é muito ligado a dois políticos tradicionais do Estado, Jorge Konder Bornhausen e Antônio Carlos Konder Reis. Se intitula senador da nova era. Apoiou Fernando Collor para presidente. Foi prefeito nomeado de Florianópolis em 1975, até 1978, e governador eleito de 1983 a 1987, e novamente prefeito, eleito, de 1989 a 1990. Obteve 39,52 por cento dos votos válidos — 981

Rondônia: deputado Edson Fidelis (PDT) — paranaense, foi vice-prefeito do município rondoniense de Jiparanã, maior colégio eleitoral do Estado. Foi duas vezes deputado

mil 963 votos. Gosta de jogar palitinho e dirigir trator.

Roraima: deputada Maria Teresa Jucá (PDS) — publicitária de 34 anos, pela Universidade de São Paulo, divorciou-se do primeiro marido para casar com Romero Jucá, de quem era secretária na Funai. É estreante em política. Sua campanha foi feita na esteira do marido para governador de Roraima, e que não foi eleito. Elegeu-se com 11 mil 128 votos, 16,19 por cento dos válidos.

Senador Hélio Campos (PMN) — tem 69 anos, e, tal como o governador eleito, Ottomar Pinto, é oficial superior da reserva da Aeronáutica. É o único senador do PMN. Sua vitória foi uma surpresa. Nenhum grande partido quis tê-lo como candidato. Mora em Roraima desde 1950. O eleitorado foi sensibilizado pela rejeição, sufragando-o. Foi ele quem inaugurou o Correio Aéreo Nacional no Estado, e fundou a Telecommunications de Roraima. Sua campanha foi custeada por amigos. Seu suplente é um mestre de obras da construção civil. Foi governador nomeado de 1967 a 1974.

Paraíba: deputada Lúcia Braga (PDT) — é a mulher do ex-governador Wilson Braga. Em 1986 foi a terceira mais votada para a Câmara, pelo PFL. Elegeu-se com 67 mil 462 votos. Seu suplente é o principal reduto eleitoral é a periferia de João Pessoa, onde é conhecida como Mamãe dos Pobres. Recebeu do Diap, na Constituinte, 4,75 de nota. Foi assistente social da Sesni e do INPS, e assessora administrativa da Câmara dos Deputados, para onde volta pela segunda vez, como parlamentar.

Senador Antônio Mariz (PMDB) — foi promotor de justiça e ingressou na política em 1963, eleito prefeito de Souza, pelo PTB. Passou pela Arena e Partido Popular. Em 1975 apoiou Ernesto Geisel para o início da distinção. É considerado atuante em plenário, comissões, bastidores e bom de tribuna. Foi deputado federal por quatro vezes: este será o quinto mandato, no Congresso, um dos poucos políticos a conseguir isso. Elegeu-se com 490 mil 376 votos, cerca de 200 mil a mais que seu adversário (histórico), Marcondes Gadelha.

Maranhão: deputada Roseane Sarney (PFL) — mais um expoente político da família Sarney, fez carreira nos bastidores, como articuladora, inclusive quando pai foi presidente da República. Cumpre seu primeiro mandato eleito. Foi chefe de gabinete de José Sarney quando deputado e senador. Sua capanha foi baseada em críticas contundentes à gestão do presidente Collor. Ganhou com 44 mil 785 votos, espalhados por todos os municípios do Estado.

Senador Epitácio Cafeteira (PDC) — Começou a vida política como suplente na Câmara em 1962, assumindo o lugar de Pedro Braga e de José Sarney. Em 1965 foi eleito prefeito de São Luís, e em 1974 foi eleito deputado federal; em 1986 foi eleito governador do Estado. Ganhou com 653 mil 956 votos, tendo como mais ferrenhos adversários os membros da clã dos Sarney.

Pará: deputada Maria do Socorro (PC do B) — tem apenas o segundo grau, divorciada, cinco filhas, 38 anos, vive em Belém desde 1970. Sindicista, foi eleita vereadora em 1988, a mais votada da capital paraense. Seus eleitores são os feirantes, os peões da construção civil e os posseiros das redondezas de Belém. As associações comunitárias da periferia da cidade fizeram sua campanha. Até mesmo a coligação PC do B, PT, PDT, PSB, PCB ficou surpresa com sua vitória, por 62.082 votos. Com seu coeficiente eleitoral beneficiou mais três candidatos.

Senador Eduardo Suplicy (PT) — economista e professor da Fundação Getúlio Vargas, é muito conhecido, também, por ser pai do roqueiro Supla e marido da sexóloga Marta Suplicy. Comegou como deputado estadual, em 1978. É um dos fundadores do PT. Foi eleito vereador paulistano com a maior votação do país em 1988. É o primeiro senador eleito pelo PT, com 4.229 milhõeis de votos.

Rondônia: deputado Edson Fidelis (PDT) — paranaense, foi vice-prefeito do município rondoniense de Jiparanã, maior colégio eleitoral do Estado. Foi duas vezes deputado

estadual. Sua política é a dientista.

Senador Coutinho Jorge (PMDB) — economista e professor universitário, começou em política em 1982 pelas mãos do governador Jader Barbalho; em 1985 foi eleito prefeito de Belém. Apoiou Leonel Brizola para presidente, sem deixar o PMDB. Foi deputado federal de 1983 a 1985. Venceu com 394.636 votos, pouco mais de dez mil sobre o segundo colocado, Ademir Andrade, do PT.

Piauí: deputado Átila Lira (PFL) — administrador de empresas e economista, foi militante de política estudantil de 1962 a 1969. Já foi do MDB, migrou para a Arena, depois PDS e acabou no PFL. Foi prefeito nomeado de Teresina e quando tentou se eleger, em 1988, perdeu. Foi deputado federal desde 1986, o mais votado do PFL; agora é o mais votado de todos os partidos. Na Constituinte votou sempre contra os projetos que defendera na década de 60. Se diz conservador. Elegeu-se com 66.818 votos.

Senador Lucídio Portela (PDS) — médico, tisiologista, é um udenista histórico (nascido em 1922). Mas só ocupou cargo eleitoral em 1979, quando assumiu o governo do estado, indicado pelo general Ernesto Geisel. Foi da Arena e depois do PDS. Foi eleito pela coligação PDS — PFL —